

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO—1 DE MAIO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)	N.º 3
	Trimestre..... 550 réis	ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 406, 4.º	Trimestre..... 600 réis	
	Semestre..... 700 „		Semestre..... 1200 „	
	Anno..... 12400 „		Anno..... 2400 „	

Bomba para navio

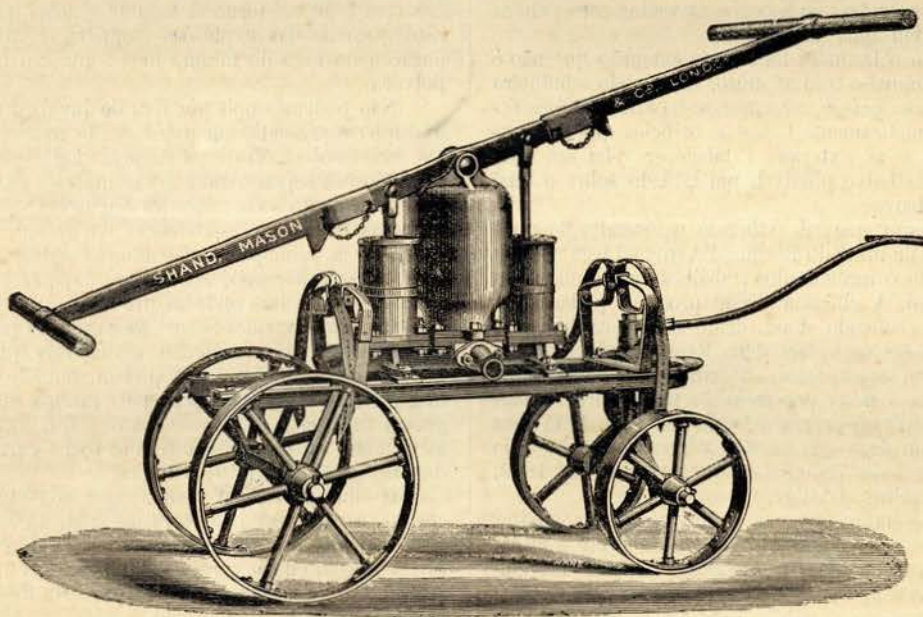
A gravura d'hoje representa mais um producto das acreditadas fabricas dos srs. Shand Mason & C., de Londres.

E' uma bomba para incendios a que os seus constructores chamaram bomba para navios e adaptada

como se vê na gravura, sobre um carro de quatro rodas, é facilmente levada em terra para qualquer ponto onde os seus serviços possam ser utilizados.

A bordo, naturalmente, é dispensado o carro trabalhando então a bomba sobre o estrado.

E' um aparelho muito conveniente para embarcações costeiras.



Socorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINÇÃO DOS INCENDIOS E
SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º 2)

Nas minas e sobretudo nas hulheiras emprega-se muito madeiramento para escorar as galerias: estas escoras constituem um novo perigo pela espontanei-

dade da sua inflamação em certas condições atmosphericas e pela facilidade com que communicam fogo ao carvão que as cerca. O mesmo succede com as escadas e patamares de madeira que occupam ainda uma boa parte na secção dos poços.

A decomposição da hulha é ordinariamente provocada pela acção d'uma atmosphaera quente e humida sobre a hulha fina amontoada nos aterros ou na superficie da veia, principalmente nos logares onde essa superficie fica por muito tempo sem ser renovada como nas paredes das galerias de comunicação. Estas inflamações espontaneas só se encontram em trabalhos momentanea ou definitivamente abandonados.

Os incendios subterraneos tendo por causa a decomposição da hulha são muito lentos mas muito difficéis de combater.

Ha alguns exemplos de hulheiras que ardem ha centenas d'annos e de que debalde se procura extinguir o incendio que n'ellas lavra. Esses fogos, são de ordinario pouco violentos, mas produzem explosões fortes e são unicamente prejudiciaes pela perda do carvão que consomem.

Os incendios subterraneos motivados pela decomposição da hulha acham na propria mina um elemento natural e ganhando incessantemente terreno tomam taes proporções que o unico remedio a dar-lhes é procurar circumscrevel-os.

Para o conseguir, isolar-se-ha a parte dos trabalhos atacada por meio de muros de terra ou barro, construidos de modo a deixar a menor passagem possivel ao ar. Privado d'este elemento indispensavel o fogo termina por se extinguir. Se fôr possivel, as paredes exteriores d'esses diques refrescar-se-hão por meio de um jacto d'agua.

O trabalho das barragens em questão n'uma atmosfera saturada de gazes deletorios, assim como a exploração da mina depois da soltura do *grisou* constituem um trabalho dos mais penosos. Por isso os operarios encarregados d'elle devem estar munidos de respiradores ou cobrir a bocca e as ventas com pannos embebidos em agua de cal.

Quando o incendio toma uma extensão que não é possivel dominal-o com os muros ou quando a hulheira está sujeita ao *grisou*, procurar-se-ha abafar o fogo fechando hermeticamente todos os orificios que communicam com o ar exterior. Estabelecer-se-ha em cada poço, o mais baixo possivel, um tablado sobre o qual se lançará barro.

Foi assim que se extinguiu o incendio do poço d'extração da mina do Bosque d'Avroy, (Liège) e mais recentemente o incendio dos trabalhos de Rotton, perto de Charleroi. A efficacia d'este processo poder-se-ha augmentar enchendo d'anhydrido carbonico todos os trabalhos antes de se fecharem. Esse gaz pôde ser produzido por focos accesos no orificio dos poços e impellido para a mina por meio de ventiladores. Bellas applicações d'esse processo foram feitas em 1844 para extinguir um fogo que se declarára nos trabalhos do poço n.º 2 do Agrappe em Frameries e em 1849, n'uma das minas d'Astley, (Escossia.)

Quando enfim todas as tentativas para combater um incendio se malograrem, resta submergir a mina, quer por meio das suas proprias aguas, quer desviando para lá as aguas d'um rio ou d'uma ribeira. Extincto o fogo esgotar-se-hão essas aguas para recommear a exploração.

Entre os appparelhos mais proprios para dominar no seu germen um incendio subterraneo, devemos assignalar especialmente os extinctores. Esses appparelhos foram já por varias vezes experimentados em Inglaterra e o bom exito obtido demonstra á evidencia a efficacia do seu jacto sobre esta especie de fogos. E depois já não soffre contestação que o anhydrido carbonico tem uma acção energica sobre o *grisou*, cujo poder detonante diminue o que até a presença opportuna d'este gaz faz desaparecer todo o perigo d'explosão.

Meios proprios para prevenir as explosões do grisou

O exame d'esta questão delicada sendo perfeita-

mente d'actualidade e de utilidade publica deixamo-nos arrastar pela corrente das cousas para observar por alguns instantes o *grisou* no terreno das medidas preventivas.

O quadro do nosso trabalho é no entanto muito restricto para permitir que nos alarguemos sobre todos os meios propostos ou em uso para prevenir esses accidentes.

Limitar-nos-hemos portanto a focar rapidamente tres pontos essenciaes :

1.º Influencia da poeira da hulha sobre as explosões ;

2.º Ventilação das minas sob o ponto de vista do perigo que apresentam as solturas normaes ;

3.º Precauções a tomar para diminuir os riscos d'irrupções instantaneas do *grisou*.

Influencia da poeira da hulha sobre as explosões

Nas catastrophes das minas, as descargas successivas do fogo subterraneo desprendem immensas quantidades de poeira combustivel que se eleva muitas vezes a uma grande altura acima dos poços, em fôrma de cône voltado. Unindo-se ao *grisou*, essas particulas de d'uma extrema tenuidade, devem necessariamente diminuir a proporção exigida para que a mistura d'esse gaz com o ar se torne detonante e mais aggravar as consequencias das explosões contribuindo para a propagação do fogo do mesmo modo que um rastilho de polvora.

Não podemos pois pôr fóra de duvida que a poeira da hulha representa um papel muito importante n'essas catastrophes. Não é infelizmente logico esperar que as explosões sejam algum dia isemptas d'ellas.

No entanto se essa poeira augmenta sempre o perigo das expansões espontaneas do *grisou*, pôde ella constituir a principal senão a unica causa das explosões e deve, por isso, ser sempre expulsa da atmosfera das hulheiras onde se produz.

Está hoje verificado que os gazes que resultam da decomposição das particulas carbonosas que voltam nos trabalhos subterraneos podem, unindo-se intimamente ao ar, fazer detonação pela mesma causa que o *grisou* cujos elementos constituintes (C H²) apresentam além d'isso muita analogia com os hydro-carburos produzidos pela distillação da hulha.

O hidrogenio e o carbone que constituem esses corpos, separam-se a temperatura alta, ao contacto de uma lampada por exemplo e vão individualmente sobre o oxigenio do ar para o qual tem ambos uma grande affinidade : a reacção produzida por esta dupla combinação faz-se como um trovão.

Aconselhamos aos exploradores de minas o livrar-se tanto quanto possivel d'esse malfazejo agente :

1.º Empregando de preferencia methodos d'exploração que não deem origem a muita poeira miuda ; 2.º Levando essa poeira ao passo que se vae produzindo ; 3.º Regando copiosa e frequentemente a frente do córte e o solo das galerias. Esta rega, ha annos seguida em Inglaterra, tem a mais a vantagem de tornar o ar mais puro e mais respiravel, no entanto parece não convir nas hulheiras onde a temperatura reinante é bastante elevada como na Belgica. Ahi poderia apressar a decomposição das hulhas e das madeiras e apresentar mais perigo por esse lado do que o que evitaria como correctivo do effeito da poeira do carvão.

(Continúa).

O SERVIÇO CONTRA INCENDIOS NOS NOSSOS

THEATROS

Se está sobejamente reconhecido que em todos os estabelecimentos publicos deve haver os meios precisos e indispensaveis para a sua protecção contra fogo, de forma que as vidas d'aquelles que os frequentam sejam devidamente salvaguardadas e que entre esses estabelecimentos publicos, aquelle que maiores perigos offerecem n'esse sentido são indubitavelmente os theatros, com franqueza e justificado pasmo declaramos, que por mais tractos que damos á imaginação não podemos atinar com a causa que possa justificar a indifferença com que até hoje tem procedido a auctoridade a tal respeito.

Repetidas e amiudadas vezes temos chamado a attenção para o modo como é feito o serviço de incendios nos theatros nas noites de espectáculo e para os meios que as empresas facultam afim de se poder obstar á marcha devastadora das chammas se por qualquer fatalidade o incendio se manifestar. Ainda no nosso ultimo numero transcrevemos de um jornal de Lisboa um artigo suggerido pelas desastrosas consequencias do grande incendio em um theatro de Nice, e hoje voltamos de novo a cumprir o nosso dever, e pedindo mais uma vez providencias, para não termos de lastimar um sinistro como aquelle que enlutou dezenas de familias.

A' auctoridade que hoje preside a este districto e que a todos os respetos nos inspira a maxima confiança, não só pela sua illustração, intelligencia e aptidão, mas pelos bons desejos que mostra de assignalar de um modo honroso a sua administração, compete fazer cumprir a lei que em Lisboa vigora com referencia aos theatros e que até hoje não tem sido posto em practica n'esta cidade.

Á Camara Municipal e muito principalmente ao sr. Correia de Barros, a quem não podemos deixar de tecer os maximos elogios por ter sido o iniciador da reforma e aperfeçoamento do corpo municipal de bombeiros, e mais ainda ao sr. Inspector Geral dos incendios que tão sollicitamente tem sabido conservar a boa ordem e disciplina que sempre deverá existir em corporações de igual natureza, compete auxiliarem-nos tambem na realisação dos nossos desejos.

Suas excellencias não ignoram que é perfeitamente inutil o piquete de bombeiros que a inspecção geral manda para os theatros. Não nos referimos ao seu valor ou merecimento como bombeiros, porque isso seria faltar criminosamente á verdade e nós somos os primeiros a avaliar e a fazer justiça ao seu valioso prestimo, quando os seus serviços são reclamados e lhes facultam os meios precisos para os combater. Referimo-nos apenas á sua inutilidade pela falta de meios e recursos para se protegerem a si proprios e poderem proteger os outros.

Dentro do palco do theatro, onde o perigo é quasi eminente e d'onde deve receiar-se que provenha, não existe um só utensilio que possa empregar-se com exito para impedir o desenvolvimento do incendio, e no entretanto ainda ninguem pensou na grave responsabilidade que assume, mandando para alli um punhado de homens, expostos aos maiores perigos, se na occasião do alarme se não evadirem e tentarem com a sua re-

conhecida heroicidade oppôr barreiras á marcha das chammas.

Além d'isso, como se não bastassem os perigos a que alli se vão expôr, estão ainda sujeitos aos caprichos e desconsiderações dos empresarios, que só têm em mira os seus interesses particulares, em detrimento e com grave risco para as pessoas que alli vão facultar-lhes os meios para a sua subsistencia.

Para resumir e como affirmação do que fica exposto no periodo anterior, citaremos um facto de que fomos testemunha occular, quando ultimamente esteve no Principe Real a companhia gymnastica e equestre de D. Raphael Dias.

A concorrência affluia ao circo, e o empresario foi mudando a seu bel prazer os pobres bombeiros de plateia em plateia, até que concluiu por mandal-os para o corredor. Elles que nenhum regulamento possuem que lhes defina os direitos e deveres em casos taes e suppondo talvez que a quem lhes pagava assistia o direito de os mandar sahir para fazerem sentinella ao corredor de pedras, obedeceram sem protesto.

Por aqui se prova a necessidade que ha tambem de um regulamento para o piquete de serviço dos bombeiros. Ninguem mais competente do que o sr. Inspector Geral para o formular, de fórma que o bombeiro possa sempre manter os direitos que n'essas circumstancias lhes devem ser conferidos.

O nosso dever cumprimol-o, chamando a attenção das pessoas competentes para este assumpto, e portanto concluiremos, reservando para posteriormente lembrarmos as medidas e providencias que julgamos mais acertadas para a realisação dos nossos desejos.

INCENDIOS NO PORTO DE 15 A 30 DE ABRIL

19 de Abril. A's duas horas e meia da tarde. Rua dos Bragas n.º 95. Fabrica da Companhia Aurificia. O incendio declarou-se n'uma porção de farrapos de limpar as machinas, arrecadados n'um quarto. Foi extinto pelos operarios da casa com auxilio da bomba que a fabrica possui. Os prejuisos foram insignificantes. O predio e officinas estão seguros em diversas companhias.

Compareceu o material e pessoal do 2.º districto, cujos serviços não foram utilizados. A primeira bomba que compareceu foi a dos voluntarios com o seu carro de material.

20 de Abril. A's 9 horas da noite. Rua das Costeiras n.º 19, em Villa Nova de Gaya. Principio de incendio extinto pelos trabalhadores, n'uma tanoaria de que é mestre José dos Santos. Não houve signal de incendio.

22 de Abril. A's 4 horas da tarde. Rua Nove de Julho n.º 249 a 296. Propriedade de João José de Barros, occupada por João José da Costa que alli se tinha estabelecido. O incendio que se suppõe originado por algumas brazas cahidas do forno, destruiu as tazeiras da casa onde estava estabelecido, pouco se salvando do que alli estava.

Os predios n.º 283 a 300 tambem soffreram estragos reputados em cerca de 150\$000 réis. Na extincção trabalhou a bomba n.º 11 que primeiro compare-

ceu, e o material do carro dos voluntarios, comparecendo tambem todo o pessoal e material do respectivo districto.

24 de Abril. A's 2 horas e meia de manhã. Rua de S. Lazaro n.º 381 e 383, predio pertencente a D. Maria de Souza Neves, occupado nos baixos pela loja de fazendas que alli têm estabelecida os srs. Santos & Barboza. O fogo que se declarou nas trazeiras da loja fez bastantes prejuizos. Foi extinto pela bomba n.º 6, comparecendo todo o material e pessoal do districto e dos bombeiros voluntarios. O predio tem seguro na *Segurança* e a loja na *Phenix*.

26 de Abril. A's 3 horas da manhã. Rua Chã n.º 127. Propriedade de D. Antonia Rodrigues, occupada em uma hospedaria por João d'Abril. O fogo que causou insignificantes prejuizos, teve principio junto do fogão por terem cahido sobre o soalho algumas brasas, e foi extinto pela gente da casa. A hospedaria tem seguro na *Bonança*. Compareceu o pessoal e material do districto e dos voluntarios, sendo a primeira bomba que compareceu a municipal n.º 1.

Na chronica dos incendios publicada no nosso ultimo numero, dissemos por descuido que o periodo que comprehendia era de 15 de Março a 30 de Abril, quando deviamos dizer a 15 de Abril. Os nossos leitores facilmente corrigiram o lapso.

Correspondencias

LISBOA, 29 DE ABRIL DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

A associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda alcançou de el-rei o senhor D. Luiz a bomba de incendios com que ha pouco foi presentado sua magestade el-rei e que existia em arrecadação no real paço da Ajuda. Foi offerecido o diploma de socio e presidente honorario a sua alteza real o sr. infante D. Affonso, o qual aceitou honrando a associação com a sua protecção. Contam fazer a inauguração em junho do corrente anno.

— Tem havido ultimamente em Lisboa alguns incendios porém felizmente de pouco vulto. O que julgo mais digno de menção é o que passo a narrar:

No dia 22 do corrente, pelo meio dia manifestou-se incendio n'algumas saccas de enxofre de que se compunha o carregamento da fragata 71 E 80 que estava amarrada junto á ponte da alfandega. A fragata tinha a seu bordo cerca de 600 saccas d'aquelle mineral. A tripulação pediu soccorros e acudiram-lhe os remadores e mais empregados da alfandega que no espaço de de uma hora lhe encheram a embarcação d'agua. A boa vontade com que aquelles empregados fizeram este serviço era louvada pela multidão que estava nas muralhas e na ponte d'alfandega. A carga vinha a bordo do vapor allemão «Capri», chegado ha pouco a este

porto com 4:400 saccas consignadas á firma social Leite, Sobrinho & C.ª, e parece estar segura n'uma companhia franceza. A fragata que teve pouco prejuizo, pertence ao sr. Abugão e está segura na Companhia Probidade.

— Ha n'esta cidade, como por mais d'uma vez tenho noticiado um club a que os seus fundadores em homenagem ao distincto *maestro* Guilherme Cossoul, chamam *Club Guilherme Cossoul*. Este club mandou fazer um busto do benemerito cidadão e inaugurou-o solememente no dia 24 do corrente no salão do theatro da Trindade. Do esplendor da festa diz-nos o seguinte o nosso excellento collega da capital, *O Diario de Noticias*:

«Era numeroso e selecto o auditorio. Sala e galerias estavam cheias. A festa começou pelas 9 horas da noite, abrinda a sessão o sr. Santa Rita, que, descobrindo o busto de Cossoul, cuja inauguração se solemnisava, n'um brillante improviso exaltou as virtudes e os meritos de Cossoul, não só como artista, mas tambem como humanitario. Seguiu-se-lhe o sr. Rafael do Valle, que pronunciou um extenso discurso, tendo por thema a musica e a poesia. O sr. J. Granat recitou habilmente uma mimosa composição poetica do sr. Santa Rita, analoga ao acto, sendo muito applaudido. Os srs. Carlos Lopes e Tavares cantaram uma romanza e duas melodias. As sr.ªs D. Leonor Lazary, D. F. de Almeida e D. Maria de Gloria e Silva tocaram ao piano e a quatro mãos diferentes peças de musica, recebendo muitos applausos. Foi ruidosamente applaudida a melodia executada pela orchestra, que era numerosa, e em parte composta de distinctos amadores, entre os quaes um irmão de Cossoul, regida pelo sr. Philippe Duarte, o qual com os demais executantes foi muito victoriado, sendo a alguns offerecidos lindos ramos, obtendo igualmente a orchestra ardente ovação na execução da symphonia da *Martha*, e o sr. J. P. de Oliveira na polka e cornetim. A primorosa marcha *Homenagem a Camões*, de Guilherme Cossoul, que a orchestra executou de pé, e da mesma fórma ouvida pelos espectadores, acabou com calorosas palmas, que eram mais uma consagração de respeito ao talento esplendido do que em vida fóra artista notavel: eram essas palmas espontaneas e vehementes mais um tributo de veneração e entusiasmo prestado á memoria querida do inspirado e dilecto cultor da arte de *Euterpe*, eram emfim as palmas festivas com que os admiradores do saudoso *maestro* ornavam, ainda além da campa, e n'essa noite de jubilos, a aurèola brilhante do illustre irmão de Bellini e de Mozart! Os srs. Frederico Guimarães e A. Palmeiro tocaram duas fantasias, sendo a do primeiro em violino, sobre motivos da *Linda de Chamounix*, e a do segundo em violoncello, sendo ambos saudados com applausos. Os srs. J. Neuparth, A. Ferreira, A. Palmeiro e M. de Oliveira tocaram em violinos, violoncellos, órgão e piano a aria de Chieza, *Pietà Signore*. Depois do concerto houve baite, terminando ás 5 horas, retirando-se todos saudosos, e sendo unanimes e justos os elogios á benemerita direcção da sociedade por ter promovido esta sympathica festa. A corporação dos bombeiros voluntarios de Lisboa, Belem e Olivaez fizeram-se representar, e diversas associações e redacções de jornaes.»

— Falleceu no dia 25 do corrente o aspirante n.º 441, Luiz Antonio dos Santos, do corpo de bombeiros de Lisboa, victima de um pertinaz padecimento que lhe resultou de uma queda no fogo da rua Vinte e Quatro de Julho, na noite de 23 de dezembro de 1879.

Foi depositado no dia 26 no jazigo da corporação, no cemiterio dos Prazeres,

— Foi promovido a 2.º patrão effectivo do corpo de bombeiros o aspirante n.º 83, mais antigo da classe, Alfredo Augusto Correia e Costa.

— Foi cedido o titulo de Real á Associação de Bombeiros Voluntarios da Ajuda.

C.

PONTA DELGADA, 18 DE ABRIL DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Rendeu o basar e espectaculos ultimamente aqui dados em favor do cofre da Associação de Bombeiros Voluntarios, 600\$000 réis, livres de toda a despeza.

Tendo aquella somma sido destinada á compra de uma bomba e excedendo ella o que se esperava, resolveu a associação mandar vir duas bombas, uma grande com o competente carro e uma pequena que é susceptivel de ser levada em uma padiola a qualquer andar do predio incendiado. Estas bombas são do systema Noël e foram pedidas á Companhia Commercial e Agricola de Lisboa: qualquer d'ellas tem um avanço de 16 metros de altura por 20 de circumferencia e um rendimento de 12:000 litros por hora.

— Deve subir á scena no dia 24 do corrente, o *Santo Antonio*, destinado, como tencionavam os bombeiros voluntarios, com o seu producto diminuir o sofrimento das victimas dos ultimos terremotos occorridos em varios pontos da ilha. O guarda-roupa é excellente e veio da casa Cruz, de Lisboa.

— Foram condecorados com a medalha humanitaria os srs. Manoel Antonio de Sequeira, ajudante do inspector e sub-chefe interino dos voluntarios; José Luiz, sub-chefe da 2.ª secção dos voluntarios e Bibiano José Cabeceiras, 1.º patrão da bomba n.º 4 dos municipaes; os dois primeiros por terem salvado um homem que estava prestes a afogar-se e o segundo por serviços prestados no alluviação que em 7 de novembro de 1879 flagellou esta cidade.

Incendios na provincia

Na madrugada do dia 20 do corrente, houve em Braga um incendio n'um pardieiro que fôra casa de residencia do parcho de S. João do Souto. Do pardieiro que era deshabitado e condemnado a ser demolido, só ficaram as paredes.

Parece que o incendio não fôra casual. Procede-se a averiguações por parte da policia.

No dia 23 do passado, houve em Vianna um incendio que encheu de pavor aquella cidade, sendo de assustar as noticias que d'alli nos foram transmittidas.

O caso é narrado assim por uma folha da localidade :

«Pelas 6 horas da manhã de sabbado deram as torres signal de incendio, que se manifestou no armazem ou deposito de enxofre que o sr. Francisco José de Araujo, acreditado negociante da praça do Porto, possui na rua do Caes, d'esta cidade.

O armazem continha cerca de 500 saccas d'aquelle genero e uma porção d'uzse secca, que serve para estivagem de navios.

Logo que foram ouvidos os signaes compareceu no local do sinistro a companhia de bombeiros municipaes com os respectivos apparatus, quasi todo o regimento aqui estacionado, muitos guardas da fiscalisação externa, e outras pessoas, que, sob as ordens immediatas das auctoridades, tambem presentes, principiam a combater o incendio, que ameaçava tomar enormes proporções.

Difícil e arriscadissimo era, porém, este trabalho.

Os vapores do enxofre a arder espalhavam-se de maneira tal que sem o risco de asphixia fulminante ninguem se podia approximar do armazem.

Affrontando assim, com denodo extraordinario, que até mesmo a grande distancia incommodava, os bombeiros municipaes, coadjuvados pelos valentes portamachados de infantaria 3, guardas da fiscalisação e muitos particulares, começaram a inundar, com o serviço simultaneo de tres bombas pelo lado do caes e pela rua do mesmo nome, o primeiro e segundo pavimento do edificio incendiado.

Apezar, porém, de todos os esforços e da interrupção do trabalho, dificultado pela estreiteza da rua e pela impossibilidade da entrada n'uma viella de um metro de largura, que separa a casa incendiada do edificio da alfandega, o fogo progredia sempre, e o panico augmentava e as nuvens de fumo suffocador tornavam cada vez mais critica a situação.

N'esta conjunctura resolveu-se cortar o telhado do predio, a fim de evitar a communicação do fogo para os que lhe ficam contiguos.

Procederam a este serviço, aliás difficilimo, porque a fumarada do enxofre era, como já dissemos, suffocadora, alguns dos bombeiros municipaes, os portamachados, e tres carpinteiros das obras da barra, regulando os trabalhos o sr. engenheiro João Thomaz da Costa, digno director das obras publicas d'este districto. Foram então retiradas do pavimento superior do predio incendiado muitas centenas de mólhos de carqueja, que o fogo, ainda não attingira, e que a conservarem-se alli augmentariam dentro em pouco, e por maneira horrorosa, a violencia do elemento destruidor.

Concluido este serviço, e quando o pessoal que o realisára tinha passado ao segundo andar, abateu uma porção de soalho, levantando-se então uma enorme lavareda, uma lingua de fogo, que produziu graves queimaduras nas pessoas presentes, ficando feridos, entre outros, aquelle sr. engenheiro Costa, quatro portamachados o bombeiro Manuel Pinto de Campos, o carpinteiro José Ribeiro Taborda e Benjamin do Espirito Santo, os quaes mais ou menos correram, n'esta occasião, imminente risco de vida, porque só por milagre se pôde explicar como é que não foram precipitados no abysmo que de subito se lhe abriu debaixo dos pés.

Proseguiram depois os trabalhos de extincção. As bombas, sem cessar, inundavam tudo de agua.

No foco do incendio, e sempre com grande custo, lançou-se uma grande porção de areia, que conseguiu

amortecer a violencia do fogo, que só n'esta altura começou a ser dominado com vantagem!

Ao mesmo tempo retirava-se do armazem contiguo, e já por entre nuvens de fumo asphixiante, uma grande porção de latas de petroleo e barris de alcatrão, bem como se procedia ao despejo do importante deposito de cereaes que o sr. Antonio Pires Barbosa, acreditado negociante d'esta praça, possui junto e ao nascente do predio incendiado.

Até ás cinco horas da tarde continuaram, sem cessar, estes trabalhos, e perto das seis suspenderam-se, porque o fogo parecia extinto e já se podia penetrar no armazem. Durante a noite ficaram allí as bombas, um piquete de tropa, a companhia de bombeiros e muitas outras pessoas, mas nada houve que dêsse a conhecer a continuação do fogo, o qual se dava já por completamente terminado.

Hontem, porém, começou de novo a sahir o fumo durante alguns minutos, o que faz suppôr que ainda lava o fogo parecia extinto e já se podia penetrar se acham soterradas. Estão, todavia, tomadas as providencias, e até á hora em que escrevemos, não ha receio que o incendio se possa outra vez manifestar.

Do edificio da alfandega, que fica, como é sabido, nas trazeiras do predio em que o fogo causou tão avultados prejuizos, foram retiradas todas as mercadorias, mobilia e archivo das repartições, não havendo, porém, allí generos inflammaveis, como por equívoco se disse e o que mais fez augmentar o justificado terror que já reinava.

No armazem contiguo, pertencente ao sr. João José Roxo, em outro fronteiro, do sr. Domingos Gonçalves de Carvalho, e ainda em outros mais da mesma rua, é que existia uma enorme porção de caixas de petroleo.

Se por espantosa desgraça o fogo se comunica ao primeiro, antes que d'elle fosse retirado, como foi, aquelle liquido, teriamos hoje a registar uma enorme catastrophe, e Deus sabe quantas victimas e quantos prejuizos collossaes teriam resultado d'esta gravissima imprudencia de se consentir no meio da cidade um sem numero de depositos de tantos generos inflammaveis!

Os telegrammas recebidos n'esta cidade davam proporções tão avultadas ao incendio que fica narrado que a anciedade era geral. Foi assim que no comboio da tarde partiram para Vianna os nossos amigos e camaradas Eduardo de Souza Pereira, primeiro patrão ajudante, Arminio von Dœllinger, aspirante, Luiz da Terra Pereira Vianna e João Ferreira Dias Guimarães Junior, dos bombeiros voluntarios.

Um telegramma recebido pelo sr. governador civil do districto, do seu collega de Vianna e recebido depois das tres horas da tarde pedia soccorros que seguiriam por trem ordinario ou expresso. Feito o pedido á associação dos Bombeiros Voluntarios todos os que tiveram noticia d'elle se prestaram da melhor vontade a ir a Vianna e uma hora depois estava tudo a postos na estação de Campanhã prompto a partir, levando o seu material. A inspecção dos incendios fazia tambem seguir uma bomba com o respectivo pessoal.

Quando todo o material estava já acondicionado nos wagons que o deviam conduzir: momentos antes da partida do comboio foi recebido um telegramma ordenando que o comboio não seguisse se ainda não tivesse partido e que regressasse ao Porto caso estivesse em caminho.

Os bombeiros voluntarios iam commandados pelo seu chefe: assistindo na estação de Campanhã ao em-

barque do pessoal e material o sr. inspector geral dos incendios a quem os deveres do seu cargo não lhe permittem ausentar-se da cidade.

Ao que nos informam a falta de pratica do pessoal que tem em Vianna a missão de acudir aos incendios, e mais que tudo a insufficiencia dos meios d'ataque é que mais fez revestir de horrores o incendio que sobressaltou a cidade de Vianna.

Os prejuizos segundo já vimos n'uma correspondencia d'aquella cidade para um nosso collega orçam por um conto de reis.

Os nossos camaradas regressaram no comboio da uma hora da tarde do dia seguinte, sendo recebidos em Vianna, como era de suppôr, muito amavelmente.

Na madrugada do dia 25 do corrente, houve em Penafiel um incendio de que uma folha da localidade faz a seguinte narração:

«Esta cidade está ainda impressionada com a catastrophe acontecida na noite de sabbado para domingo, pelas duas horas e meia. Quando um incendio mais ou menos consideravel, em pequeno espaço de tempo reduz um edificio a um montão de destroços, deixando sem habitação e muitas vezes sem haveres o proprietario d'elle, é triste e para lamentar-se. Quando, porém, d'envolta com os prejuizos materiaes ha a perda de vidas, tal acontecimento não pôde deixar de levantar um grito unanime d'afflicção.

«Não se sabe ainda, nem poderá talvez averiguar-se nunca, a origem do pavoroso incendio que reduziu a cinzas a casa d'habitação do infeliz ancião monegario o sr. Caetano José Soares, na rua da Ajuda. O que se sabe apenas, o que é uma pungente verdade, é que uma hora depois dos primeiros gritos de soccorro a casa tinha só de pé as paredes, tendo ardido tudo quanto se achava dentro d'ella, avultando o estabelecimento commercial do sr. Antonio Mendes da Costa, e que o sr. Caetano, que n'ella habitava e a quem os seus noventa annos não permittiram fugir, ficára carbonizado.

«A creada do dono da casa pôde escapar descendo da janella do segundo andar para a rua por uma escada de mão. Os caixeiros do sr. Costa sahiram pelas portas da loja, que foi preciso arrombar.

«A casa visinha do sr. Victorino da Silva Alves Nunes soffreu grandes estragos, e as fazendas do seu estabelecimento de mercearia ficaram muito damnificadas. Por inexplicavel fortuna e prodigios de trabalho e dedicação se conseguiu evitar que o fogo se communicasse á sua casa, cujo telhado foi preciso abater em parte.

«A casa incendiada não estava segura, mas sim o estabelecimento commercial do sr. Costa na Companhia Garantia na importância de 4:000\$000 réis.

«N'esta terra pôde dizer-se que não ha serviço de incendios. Ha apenas uma bomba velha e deficiente, que manobra á mercê da multidão que accode ao sinistro. Nem ha pessoal nem material. Na falta d'istotudo, é altamente para louvar a abnegação com que todos sem distincção de classes acodem ao sinistro, expondo-se muitas vezes a perigos grandes. Todos trabalharam a valer, e é unanime a voz geral em encarecer o denodo e porfia dos sapadores que trabalham no quartel militar, e d'alguns artistas trolhas d'esta

cidade como os srs. Miguel de Castro e Diogo, e do mestre Antonio carpinteiro.

«Para desejar seria que este acontecimento reanimasse alentos nos iniciadores d'uma companhia de bombeiros, que parece terem esmorecido perante o seu louvavel projecto.

«Não lembra a ninguem incendio n'esta cidade com as desastrosas consequencias do de domingo. Nós lamentando tão triste acontecimento, enviamos os nossos sentidos pesames a toda a familia do finado sr. Caetano José Soares.»

Varias noticias

O sr. Sanches de Gusmão escreveu uma poesia intitulada o «Bombeiro», que será recitada por occasião da primeira representação que haja no theatro michaelense, pela corporação dos bombeiros voluntarios.

Depois do incendio do theatro de Nice tem apparecido diversos alvitres para evitar a repetição de idênticas catastrophes. Não deixa de ser curioso um aprezentado ultimamente e que aconselha que se dêem espectaculos de tarde, em que se largue o fogo ao scenario para que o publico aprenda assim a conservar-se sereno e a sair com presteza do edificio sem se atropellar.

Dizem de Buenos Ayres que a 24 do mez passado houve um grande incendio nos depositos da alfandega Saavedra, que estavam cheios de mercadorias. Os prejuizos são calculados em 2 milhões e meio de pesos.

A banda dos bombeiros voluntarios d'esta cidade toca todas as quintas feiras das 8 ás 10 horas da noite no pateo do quartel.

Na Alsacia-Lorena acaba de occorrer um conflicto que pôde ser de bastante gravidade.

Como é sabido, o corpo de bombeiros de Strasburgo veste até agora o mesmo uniforme e é formado pelos mesmos individuos que quando aquella praça pertencia á França.

Ha tempo que ao regressar o batalhão de bombeiros do exercicio percorreu as ruas de Strasburgo com a sua phylarmonica que ia tocando arias francezas.

A ovação que lhe fez aquella povoação foi indescritivel, contrastando com o significativo silencio com que foi acolhido um batalhão prussiano que marchava atraz dos bombeiros.

Receioso o governador militar da praça prescreveu algumas disposições que evitarão no futuro simillhantes demonstrações pouco gratas para a Allemanha e entre outras a prohibição de que a musica tocasse arias francezas. O commandante da referida força negou-se a obedecer e elle e seus officiaes apresentaram provisoriamente a sua demissão.

Hoje, em vista de que o governo allemão apoia — como não podia deixar de fazer — as disposições adoptadas pelo governador militar de Strasburgo, as demissões tomaram um caracter definitivo e a cor-

poração de bombeiros permanece dissolvida, levando consigo ao desapparecer a estima de todos os patriotas.

O orçamento da despeza para a inspecção dos incendios d'esta cidade para o anno civil de 1880, é de 40:428\$440 réis, sendo 8:481\$000 para o pessoal da inspecção e 1:947\$440 réis para compra de material, premios aos bombeiros e aguadeiros e mais despezas.

Os bombeiros voluntarios de Guimarães tiveram no dia 24 do passado exercicio á noite no Campo do Toural. Manobraram sob as ordens do seu digno commandante José Martins de Queiroz. Os bombeiros municipaes trabalharam conjunctamente com os voluntarios manobrando á ordem do seu respectivo chefe.

O predio escolhido para o combate foi o do sr. Domingos José de Souza Junior.

Ardeu em Iserlohn, a fabrica dos srs. Kissing & Midlmann de quem era representante n'esta cidade e sr. Emilio Biel. Orçam-se os prejuizos em cerca do 2.000:000 ou sejam 450:000\$000 réis.

Dizem de Londres em data de 24 do corrente:

«Esta noite, um incendio terrivel destruiu todo um lado de Haymarket, onde se acham os armazens do Civil Store Service.

Estão funcionando oito bombas a vapor. Ainda se não vingou dominar o incondito.»

Ardeu em Ramsgate, Inglaterra, mais um theatro, o Vaudeville Theatre, de que hoje apenas restam os escombros e as paredes calcinadas.

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar algumas secções da nossa folha.

Chronica Quinzenal

Contra as nossas previsões realisou-se effectivamente no theatro de S. João d'esta cidade, no dia 27 do corrente, o meeting anti-jesuítico promovido pela Associação Liberal.

Orou o sr. dr. Alexandre Braga, robustissimo talento e distincto juriconsulto, proferindo um dos mais notaveis discursos que temos ouvido, discreteando sobre a historia da Companhia de Jesus desde a sua instituição e expondo a sua influencia nos destinos do nosso paiz attribuindo aos jesuitas todas as desventuras e privações porque temos passado.

O seu bello discurso, que segundo nos consta teremos occasião de admirar em livro, arrancou á numerosa assembléa estrepitosos e entusiasticos applausos, fazendo-se ao orador uma verdadeira ovação, sendo-lhe offerecida por essa occasião uma corôa de louros.

Um moço artista, Anselmo Ferreira Duarte, seguiu-se ao eminente tribuno, pronunciando um pequeno discurso em que terminava implorando a caridade publica para os veteranos da liberdade. O seu discurs-

so foi vivamente applaudido e saudado o orador que tem um nome sympathico e muito popular.

Foi lida e approvada a representação dirigida ao governo, em que se lhe pede que torne effectivas as leis ainda hoje não revogadas sobre as ordens religiosas. A representação é uma peça notavel.

A assembléa estava numerosamente concorrida. O peditorio para os veteranos produziu cerca de cinquenta mil reis.

A Sociedade de Instrução do Porto, proporcionou-nos ensejo de ouvirmos o abalizado professor do curso superior de letras o sr. Adolpho Coelho, nas preleções que sobre assumptos de instrução e pedagogia realisono no dia 20 e seguintes, n'uma das salas do Palacio de Crystal.

O sr. Adolpho Coelho affirmou mais uma vez o seu profundo estudo e sciencia perante uma numerosa e selecta assembléa que applaudiu entusiastica o illustre philologo.

Bem merece dos amigos da instrução a Sociedade de Instrução do Porto quando lhes proporciona conferencias do molde das que vimos fallando.

Um acontecimento imprevisto obrigou o sr. Adolpho Coelho a retirar-se precipitadamente d'esta cidade sem poder concluir a conferencia annunciada o que é deversos para lastimar.

Tambem no dia 19 do corrente a sociedade de geographia commercial realisono uma sessão em que foi lida a segunda parte da memoria do sr. Augusto Malheiro Dias, acerca da influencia das pautas sobre o consumidor. Defenderam-a os srs. Adolpho Pimentel, Carlos Mendonça, Vieira de Castro e Henrique Kendall, e impugnou-a o sr. A. Pereira Magalhães, que fallou a favor do protecçionismo. Entrou em discussão a moção do sr. Joaquim Antonio Gonçalves, em que expressava a necessidade de Portugal reformar a sua legislação aduaneira, garantindo-se a independencia das industrias, elemento indispensavel da autonomia politica. Depois de algumas explicações trocadas entre os srs. Oliveira Martins e Gonçalves, foi o moção substituida por esta que foi approvada unanimemente: A sociedade de geographia commercial do Porto, reconhecendo o estado anarchico da legislação pautal, faz votos para que ella se modifique de modo que satisfaca aos legitimos interesses do paiz.

A sessão esteve animada e interessante, revelando-se mais uma vez pela discussão os serviços que a Sociedade de Geographia Commercial do Porto vae dia a dia prestando ao paiz.

Serviu por alguns dias de pasto á curiosidade indigena o caso de um... *ratão* que entendeu manifestar as suas ideas... politicas revestindo de crepes a casa da sua habitação e arvorando nas janellas um chicote, por occasião de, n'um concelho suburbano, se festejar a nomeação d'um administrador.

O facto unico entre nós teve o resultado que se poderia suppor. O povo indignado apredejou a casa. O homem do chicote deu-lhe tiros de revolver e atirou-lhes cadeiras. Correm ao local a marchas forçadas forças de infantaria e cavallarias, arvoraram-se bandeiras estrangeiras para acobertar a... toleima da politica do sujeito e tudo depois ficou em paz.

Um ridiculo!

A benemerita sociedade dramatica de amadores

Luz e Caridade vae dar no proximo dia 12 de Maio a sua 18.^a recita em beneficio da Sociedade de Operarios Fabricantes do Porto. Representará a comedia em 5 actos, *Um chapéu de palha de Italia*.

E' sobre modo digna de louvor a sociedade *Luz e Caridade* que ao passo que vae cumprindo a sua nobre missão mas vae tambem offerecendo aprasiveis espectaculos que nos revelam a muita aptidão scenica d'um grande numero dos seus socios.

Desde a nossa ultima chronica não nos tem offerecido os theatros novidade alguma. Apenas o Baquet onde funciona a companhia dramatica dirigida pela distincta actriz Emilia Adelaide nos deu a comedia *Ouros, Copas, Espadas e Paus*. A comedia pertence ao repertorio hespanhol e senão é na obra litteraria está bem dialogada e abundam n'ella as situações comicas que tem o espectador em continua hilaridade.

A peça agradou muito e no seu desempenho é dever especialisar José Ricardo e Maria Carolina, aquelle, o apreciavel actor que conhecemos e esta, actriz de incontestavel merecimento, dizendo bem, em voz insimante e pisando o palco á sua vontade. Acresce a isso a sua gentileza e com todos estes predicados pode dizer-se que é uma actriz distincta.

Os demais actores houveram-se de modo a não prejudicar o desempenho.

Realisono-se hontem o beneficio do chefe da orchestra d'este theatro o sr. Antonio Canedo, beneficio de que os seus amigos fizeram uma festa.

Devem hoje subir á scena *Os Jesuitas* que supomos ser a mesma peça ultimamente levada em Lisboa. Diremos no proximo numero do seu desempenho.

A empresa do theatro Principe Real inaugurou o seu salão promovendo diversões ás tardes dos domingos, diversões que tem sido copiosamente concorridas. A empresa teve a boa idea de estabelecer um basar de prendas cujo producto revertesse em beneficio dos pobres atacados da variola na freguezia da Victoria. A lembrança foi muito bem acolhida e já é consideravel o peculio arrecadado do basar que continuará depois d'amanhã. Bem merece a empresa por se lembrar dos desgraçados.

Teremos infallivelmente amanhã, em beneficio da applaudida actriz-cantora Irene Manzoni, a primeira representação do *Doutor Piccolo (Le Pompon)*. Irene Manzoni deverá ter uma festa condigna dos seus merecimentos.

No *Doutor Piccolo* debutam Thomazia Velloso, Cardoso e Frederico Curonisy.

Para ceder o logar á companhia do theatro do Principe Real de Lisboa que ali vem com o seu *Tutti-li-mundi*, a companhia do theatro do Principe Real do Porto irá a Lisboa representar n'aquelle theatro. Alli será recebida com o melhor acolhimento, não só porque se recommenda pelos seus artistas e repertorio, mas tambem porque alguns d'elles não são conhecidos do publico lisboense.

Annuncia-se para breve o beneficio do estimavel actor Diniz com a comedia em tres actos, traducção do sr. Pinheiro Chagas, *Parentes e trastes velhos*, e a zarzuela *O dia de Juizo*.

29 de abril.

R. S.